

Caingangs esperam solução da Funai há 6 anos

190

Por Nara França

SÃO oito famílias, que se dizem "Caingangs", que vivem há mais de seis anos, em barracos de plástico, defronte ao Cemitério Municipal de Chapecó. O terreno foi cedido pela Catedral Santo Antônio, através do Bispo Diocesano D. José Gomes, conforme contam os moradores.

De acordo com um dos líderes da pequena comunidade, ao todo vivem no local 22 adultos e 15 crianças, contando várias mulheres grávidas. "Nós viemos de Nonoai (RS), onde a situação não estava nada fácil", diz Valdemar Casimiro da Silva.

Lembra o "caingang" que, há muito, o grupo tem lutado, junto à Funai, para conseguir melhores condições de vida, "mas, até agora, nada". O que eles queriam, e continuam querendo, é terra, para que possam plantar feijão, milho, e outras culturas, para produzirem à venda, e até para consumo próprio.

Há algum tempo, recorda Valdemar, o delegado da Funai de Passo Fundo (RS) esteve visitando o local. O maior objetivo era justamente reconduzir os índios às terras em Nonoai. Entretanto, nada foi conseguido, já que, segundo o próprio líder da comunidade, "nada nos foi oferecido. Se era para continuar com a mesma vida que levamos aqui, preferimos permanecer por aqui mesmo", explica.

Os "Caingangs" do centro de Chapecó (uma maior quantidade vive no interior, em Sede Trentin) sobrevivem pelo trabalho artesanal. Tanto as mulheres, como os homens fazem cestos, balaios e peneiras de bambu, já ensinando a arte às crianças.

Entre outra coisas, os índios reivindicam à Funai, órgão competente, assistência médica. Conta Valdemar Casimiro da Silva que, no caso de alguém adoecer, é encaminhado imediatamente ao Hospital Santo Antônio. As mulheres grávidas, também quando estão para dar à luz, têm seus filhos no próprio hospital.



Fotos: Edson Florão

Os índios vivem em barracos improvisados, de plástico, há mais de seis anos, em frente ao cemitério

Faz questão de contar o líder da pequena comunidade que todos falam a língua "Caingang", inclusive as crianças. Quanto à comida, "é a mesma dos brancos". Eles se alimentam de arroz, feijão, macarrão e carne todos os dias. "Se vive como dá", diz Valdemar, lembrando que nenhuma das crianças da "tribo" estuda. "Temos interesse em encaminhar os pequenos à escola", esclarece, procurando expressar a boa vontade de todos para que as crianças estejam entrosadas no meio social em que vivem.

Para manter a tradição "Caingang", Valdemar conta que todas as crianças que nascem recebem, no seu primeiro nome, uma denominação aportuguesada, enquanto que o segundo nome é indígena, como "Ritoy", que, em "Caingang", simboliza mata.

Até quando ficarão morando de-

fronte ao cemitério, em condições subumanas, nem eles sabem. O que querem, mais do que tudo, é que a Funai, como órgão de defesa dos in-

dídeos que ainda restam, faça alguma coisa, e lute pela causa, "porque, até agora, nada foi feito", observa o líder caingang.



Uma das reivindicações dos indígenas é escolas para as crianças da tribo, que só falam na língua "caingang"

Indígenas no Brasil

Class.:

1968

Pg.:

O Estado
17/06/86



A comunidade indígena faz trabalhos artesanais para sobreviver